

## **Glauco Adorno - O Escrivão entre o tédio digital e a possibilidade analógica**

Nas linhas de Heidegger em *Ser e Tempo*, a angústia se relaciona com a radical **possibilidade** do que somos vis a vis a radical **indeterminidade** da existência e a **temporalidade** que representa na vida humana: somos possíveis pois indeterminados em nossa finitude.

A tendência do ser humano é achar que colocamos a nossa existência em jogo nos momentos dramáticos pessoais. O tédio é a impossibilidade existencial do ser; a sua percepção de que não há mais alguma possibilidade ao ser, é o Adão antes de compreender a possibilidade de comer o fruto proibido. A angústia é um clamor de que você precisa ser no tempo, provém do fundo obscuro da existência e emerge do nada que nós somos, pois sendo nada podemos ser tudo e enquanto não o somos, nos angustiamos querendo: o porvir do angustiado é o 'nada'.

E por que pensar nisso quando estaremos diante de Glauco Adorno na execução de sua nova obra?

Talvez por que o tempo não pareça existir nesse mundo digital que nos envolve. E o exercício que o artista propõe ao transcrever cada um dos 160 artigos selecionados do meio digital atemporal para o meio caligrafado analógico transitório, venha a sugestão dessa angústia como constatação da temporalidade humana. Cada folha que ele cola ao vidro das Janelas da Abapirá é uma prova de que somos perecíveis, contrariamente ao mundo do qual ele ressignifica.

Além do mais, os artigos que copia desse mundo atemporal trazem uma carga de determinação por um trabalho eficaz durante um curso de tempo em que até a Terra pede uma relação diferente com o momento. Cada um desses artigos nos diz que é tempo de sistematizar, catalogar e aprimorar o uso do ócio, retirando a possibilidade de angústia. Ele parece resgatar o oposto, através da faina de escrevê-los à mão.

O artista está executando uma obra que requer um trabalho manual de aproximadamente 26 horas e meia, onde fixa-se numa cadeira como o escrivão de Herman Melville, porém se nega não a fazê-lo, e sim a aceitá-lo sem questionar. O trabalho caligráfico joga no observador a dúvida sobre aonde encontra-se o trabalho numa consulta ao *são* Google. O clique rápido e sistemático no mecanismo de busca gera uma série de resultados que servem a nós; mas por quem? Onde está o valor do trabalho?

Estamos agora atentos à percepção externa que Glauco reverte na sua obra. Quando transcreve aqueles textos digitais que, à primeira vista, não nos parecem originados em um trabalho real ele joga uma realidade que está confusa nos dias de hoje, mesmo nos confrontando a ela minuto a minuto: tudo o que a ferramenta de busca nos fornece vem de um trabalho, na maioria das vezes, árduo de outrem ao qual damos valor algum. Isso sem contar que nosso incessante engajamento coletivo acaba por solidificar e ampliar esse modelo de produção das distribuidoras de conteúdo digital e suas mídias sociais sucursais. Se esses artigos estão estimulando nosso esforço durante uma pandemia que veio para paralisar, Glauco revela que muitos trabalham a muito sem reconhecimento, de ontem ou de hoje, escravizados pelos consumidores de conteúdo digital.

Gui Martins Pinheiro, 19 de outubro de 2020.